

**CLUBES RECREATIVOS EM CIDADES DAS REGIÕES SUDESTE E SUL: IDENTIDADE, SOCIABILIDADE E LAZER (1889-1945)****Janete Leiko TANNO\***

**Resumo:** Este artigo discute sobre os clubes recreativos de elite, profissionais e étnicos entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, definindo sua importância, suas funções e seus significados para os associados. Na ocupação dos espaços de lazer, os frequentadores desses diversos clubes, além de se divertirem, iniciavam ou adensavam os laços que os uniam aos seus iguais criando, assim, uma rede de sociabilidade e poder que ensejavam dividendos sociais, matrimoniais, econômicos e políticos. No convívio proporcionado pelas festas, bailes e outros divertimentos, também (re)definiam suas identidades enquanto indivíduos pertencentes a determinado setor social ou étnico, que buscavam ou a manutenção do *status quo*, no caso das elites, ou as formas de inserção social, aceitação e projeção na sociedade mais ampla para os negros e trabalhadores.

**Palavras-chave:** Clubes Recreativos. Sociabilidade. Identidade.

**RECREATIONAL CLUBS IN CITIES OF THE SOUTHERN AND SOUTHEASTERN REGIONS: IDENTITY, SOCIABILITY AND LEISURE (1889-1945)**

**Abstract:** This article discusses the recreational clubs of the elite, professionals and certain ethnic groups between the late nineteenth century and the first half of the twentieth century, defining its importance, functions and meanings for their members. While occupying these places of leisure, the clubs goers, besides enjoying themselves, initiated or deepened ties that bonded them with their peers creating in this way a powerful social network. This gave rise to social, marital, economic and political benefits which were boosted by the convivial parties, dances and other entertainment. Also their identities as individuals were redefined as belonging to certain ethnic or social groups. In the case of the elites this manifested itself in seeking to maintain the status quo and for black communities and common laborers attempts at forms of social inclusion, acceptance and projection into the broader reaches of society.

**Keywords:** Leisure. Recreational Clubs. Sociability. Identity.

De origem inglesa, o termo *club* como local de reunião de pessoas seletas já era bem difundido no Brasil do século XIX, como nos explica Jeffrey Needell (NEEDELL, 1993),

---

\* Professora Adjunta Doutora - Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP - Rua Padre Melo, 1200, Centro, CEP: 86400-000, Jacarezinho, Paraná, Brasil. E-mail: janeteleiko@gmail.com

ao tratar deles na Belle époque carioca entre os anos de 1898 a 1914. Por exemplo, o Cassino Fluminense foi fundado em 1845, o Jockey Club em 1868, e em 1895, o Club dos Diários, todos eles locais de encontros e de convívio da elite.

Em São Paulo, locais com os mesmos fins foram criados pela elite paulistana, como o Clube Concórdia, nos anos 80 do século XIX, além de outros. Dessa forma, muitos lugares destinados ao entretenimento e reunião recebiam o nome de clube, sendo múltiplas as atividades que desenvolviam. Mas, como nos lembra Needell, os clubes de elite carioca mencionados, além de ser um espaço de lazer para privilegiados, tinham um sentido político e social de grande importância e peso na conservação do *status quo* (NEEDELL, 1993). Tal compreensão dos clubes de elite cariocas também pode ser estendida às suas congêneres em outras cidades, como São Paulo e mesmo naquelas como Assis, no interior deste Estado.

A importância dos clubes recreativos como espaços de convivência, de (re)definição de identidades, de oportunidades para o exercício da amizade, de extensão da rede de relações e poder, foi observada não somente pelas elites, mas também por pessoas de outras categorias sociais como os trabalhadores urbanos e aqueles pertencentes a grupos étnicos como italianos, japoneses e negros. Portanto, os clubes eram instituições informais espalhadas pelas inúmeras cidades do país congregando pessoas de diferentes *status* social e étnico, desde o final do século XIX. Tal constatação enseja algumas questões, tais como: Qual a importância e o papel dos clubes para esses diversos grupos sociais? De que maneira as associações recreativas nos informam sobre os grupos que as compõem e, portanto, sobre a sociedade mais ampla?

Sob tais perspectivas, este artigo faz uma reflexão sobre os clubes recreativos de diversas categorias sociais como os da elite, profissionais e étnicos, buscando os significados desses espaços para seus frequentadores, no ensejo do convívio entre iguais e na construção de uma rede de sociabilidade e poder que poderia proporcionar dividendos futuros.

De forma mais específica, a análise será centrada nos clubes de elite carioca e paulista, nos clubes de trabalhadores dos bairros Bexiga, Brás e Bom Retiro, na cidade de São Paulo, e nos clubes negros, tanto dessa capital quanto da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, entre 1889-1945. Essa circunscrição espacial e temporal deve-se, em grande parte, à bibliografia encontrada sobre o assunto, que trata dos clubes recreativos desses locais, especialmente entre o final do século XIX até meados do XX<sup>1</sup>, o que indica claramente a falta de estudos mais amplos sobre a temática e, também, que ela ainda não se configurou uma problemática importante da historiografia.

O estudo das instituições informais enquanto algo fundamental para a compreensão da sociedade na qual está inserida, em grande parte, é realizada na obra de Jeffrey Needell

– *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século* – na qual defende que a “cultura e a sociedade de elite serviram para manter e promover os interesses e a visão da própria elite, e que paradigmas culturais derivados da aristocracia européia foram adaptados ao meio carioca com esta finalidade” (NEEDELL, 1993, p.11). Sob tal perspectiva, o autor faz um estudo das instituições formais como as escolas nas quais os filhos da elite carioca estudaram e se formaram, assim como das instituições informais como os clubes, teatros e salões onde essa elite se reunia para o lazer, para o bate-papo, mas também para as trocas de ideias, para encontros de negócios e discussões políticas, ensejando a criação de laços de amizade, negócios e matrimoniais e, dessa maneira, construindo sua rede de relações e poder, garantindo, portanto, sua manutenção no interior do grupo.

O colégio Pedro II era o lugar em que os filhos das elites estudavam para a formação secundária. Se este era exclusivo para os meninos, as filhas recebiam educação esmerada, segundo o mesmo modelo europeu do Pedro II, no Collège de Sion. Dessa forma, essas escolas proporcionavam o conhecimento e o convívio entre os membros da elite carioca de diversas gerações, que se fortaleciam, posteriormente, na ocupação dos mesmos espaços tanto formais quanto informais.

Ao comentar sobre o Colégio Pedro II, Needell afirma:

A lista daqueles que freqüentaram o colégio revela que, geração após geração, os filhos das mesmas famílias, aparentadas entre si, por ali passaram, e que entre eles encontravam-se muitos dos conselheiros, ministros, senadores, titulares, assim como banqueiros, advogados e médicos importantes que controlavam as fortunas do Brasil imperial e republicano (NEEDELL, 1993, p.80).

Após o término dos estudos secundários, esses estudantes encontravam-se, novamente, nas faculdades de direito, prolongando e adensando suas amizades e redes de relações e sociabilidade que, futuramente, poderiam garantir algum cargo ou favorecimento político e econômico.

Se o convívio entre os filhos da elite carioca era iniciado ou reforçado nessas escolas, quando adultos (os meninos poderiam novamente se encontrar nas faculdades de direito, conforme dito), passariam a conviver também em outros espaços informais, como os principais clubes frequentados pelos seus pais, amigos e parentes.

No Rio de Janeiro, os principais clubes analisados por Needell são o Cassino Fluminense (1845), o Club dos Diários (1895) e o Jockey Club (1868), espaços onde a alta elite carioca se reunia para a diversão, para a exibição de seus dotes, de sua

riqueza e para escolher os pretendentes para os filhos casadoiros, numa clara intenção da manutenção ou alargamento do patrimônio familiar (NEEDELL, 1993).

O Cassino Fluminense congregava a mais alta elite carioca e nos seus bailes era possível encontrar, entre latifundiários do café, banqueiros, parlamentares e ministros, os membros da família real. Nesse sentido, o luxo e os padrões que regiam os comportamentos, as vestimentas, as danças e as conversas seguiam a cultura europeia sob a qual a educação desse grupo foi formada desde criança.

Ao longo da existência do Cassino, a elite que o frequentava passou por uma gradual transformação, em termos socioeconômicos. Em geral, os fundadores da instituição eram latifundiários, estadistas e grandes comerciantes e, na fase final, havia membros que eram negociantes burgueses, políticos, profissionais liberais e financistas, indicando as novas condições de uma sociedade urbana e interesses de grupos ligados aos setores financeiros e comerciais.

As outras instituições informais frequentadas por essa elite, como o Club dos Diários e o Jockey Club, segundo Needell, são reveladoras dessas transformações socioeconômicas ocorridas entre os membros da elite. Entretanto, se o Club dos Diários indica as mudanças no comportamento da elite, elementos de continuidade também são detectados pelo autor, visto que os propósitos pelos quais os membros dessa elite frequentavam os clubes cariocas continuaram os mesmos, isto é, poder garantir a continuidade dele, da família no mesmo nível social, ou ainda, aumentar a sua influência política e seu patrimônio pessoal, numa manutenção do *status quo* (NEEDELL, 1993).

Ao discorrer sobre a elite carioca e as instituições informais que ocupavam, é necessário lembrar, ainda, do Teatro Lírico, que ao lado do Cassino, dos Diários e do Jockey formavam os espaços privilegiados destinados a essa elite, onde era possível conversar informalmente sobre os negócios e sobre os caminhos da política. Enfim, as instituições informais da elite tinham funções e significados precisos para o grupo, como se pode conferir, a seguir, pelo comentário de Needell.

Quaisquer que fossem os objetivos a que se propunham (danças de salão, convívio, diversões elegantes, corridas de cavalos e apresentações de óperas) é inegável que estas instituições exerciam considerável influência sócio-política. Ela servia como cenário informal para que indivíduos e famílias ostentassem sua riqueza, exibissem sua posição sócio-econômica e revelassem em público sua cultura (NEEDELL, 1993, p.104).

Se na capital federal uma vida noturna mais agitada era possível aos membros da elite, tendo em vista as atividades proporcionadas pelos clubes mencionados, na cidade de São Paulo, entre o final do século XIX e início do XX, as ofertas de lazer eram mais escassas.

A capital do Estado de São Paulo sempre foi tida como uma província pacata e com pouca vida noturna. Segundo José Mario M. Ruiz, as mulheres da elite paulista tinham uma vida mais reservada ao espaço privado, mais de acordo com o modelo patriarcal de família. Portanto, segundo o autor, o espaço doméstico funcionava como o lugar privilegiado para expressão dos dotes femininos e ostentação da riqueza da família. Nessas reuniões, "promoviam-se encontros de amigos e parentes, nas quais as músicas, os recitais, e até mesmo a dança eram comuns, dentro dos limites e do conforto do lar" (RUIZ, 1999, p.101).

Apesar dessas práticas de convívio circunscrito às casas dos membros das elites e de serem recorrentes nas crônicas sobre a cidade a menção sobre a pacata vida noturna, os paulistanos possuíam algumas formas de diversão como o teatro e a ópera, além das casas de chá do Mappin e da Casa Alemã, os restaurantes e alguns clubes. Assim, as "temporadas líricas, as exposições teatrais e de cantores internacionais, nos teatros São José, construído em 1876, no Provisório, no Santana e, mais tarde, no teatro Municipal, fizeram grande sucesso" (RUIZ, 1999, p.101).

Entre os clubes mais significativos de São Paulo, havia o Clube Concórdia, fundado em 1880, local destinado às festas de casamento da elite da capital e o Trianon ou Sociedade Harmonia, criado em 1915, e era tido como um símbolo do que havia de mais moderno em termos de lazer. E assim como na capital federal, os membros mais abastados da elite de São Paulo igualmente fundaram seu Jockey Club e, depois, o Automóvel Club, sinônimos de riqueza, distinção, ostentação e modernidade desse grupo em relação aos demais.

De acordo com José M. M. Ruiz,

Tais instituições facilitavam o convívio social entre os poderosos e suas famílias, tornando-se "solidariedade de classe", definindo as amizades, namoro e apresentações pessoais. Mais do que isso, os porta-vozes informais, em particular os cronistas, puseram-se a especular sobre esse mundo, ora demonstrando heranças culturais, ora configurando essa elite como a precursora do modo de vida moderno, cosmopolita: construindo um perfil de cidade e uma identidade para esse segmento social em questão (RUIZ, 1999, p.128).

Se nos anos 20 do século passado, os clubes de elite, nos seus mais variados estilos e atividades, estavam por toda parte nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, não poderia ser diferente entre as inúmeras outras espalhadas por este Estado. Assim, tornou-se

muito comum a fundação de clubes ligados ao lazer nas cidades do interior paulista, como o Clube Recreativo de Assis, nascido em 1922.

A elite que comandava a política em Assis, cidade do interior paulista, era a mesma que frequentava o Clube Recreativo e que circulava também por outros espaços sociais, públicos e privados na tessitura de sua rede de relações, de fortalecimento de laços pessoais, políticos, econômicos e na defesa de seus interesses<sup>2</sup>.

Ser sócio desse Clube e participar de seus eventos, mesmo como convidado, está intimamente ligado a essas ações. Dessa forma, a função do Recreativo, como um ponto de recreio e convivência das famílias de Assis, engloba aspectos mais amplos e definidores do grupo social que o frequentava.

O Clube Recreativo oferecia, nos finais de semana, brincadeiras dançantes, às vezes, ao som de orquestra mas, em geral, de vitrola. Então, depois do footing, os rapazes e as moças da elite iam para o Clube dançar, flertar, namorar e se divertir.

O Clube também era muito utilizado para a realização de bailes beneficentes organizados pelas senhoras e senhoritas da “boa sociedade” assisense. Esses eventos podiam ser em prol tanto da Santa Casa, da Sociedade São Vicente de Paulo, em benefício do natal das crianças pobres, quanto para comprar uma bateria nova para um grupo de músicos muito conhecido na época e que tocava sempre no Recreativo: os Tangarás<sup>3</sup>.

Além das domingueiras, isto é, das reuniões dançantes nos finais de semana, e do carnaval, várias datas do nosso calendário eram motivos para a realização de festas como a de São João, de Sábado de Aleluia e Réveillon. Os bailes, às vezes, possuíam nomes bem característicos, como baile das bolas, da chita, do xadrez, nos quais as roupas teriam que seguir essas respectivas estampas. Um determinado mês ou o início de uma estação do ano também nomeava outros divertimentos promovidos pelo Clube, como por exemplo, o baile de Maio e da Primavera. Em julho de 1937, o *Jornal de Assis* fez um convite aos associados e famílias para uma reunião dançante a fim de inaugurar a vitrola elétrica recém adquirida pelo Clube.

Se a promoção de divertimentos era a preocupação principal da diretoria para aumentar e conservar os sócios, o Clube Recreativo também organizava eventos culturais como recitais de canto, de poesia e de piano. Um exemplo disso foi a Noite de Arte, com a cantora lírica condessa Lucy, acompanhada pela pianista assisense, Célia Valente<sup>4</sup>, e uma conferência proferida pelo poeta Salomão Jorge, em abril de 1937<sup>5</sup>.

Independentemente dos lazeres costumeiros promovidos pela diretoria ou por grupos de moças e rapazes da “sociedade” local, o Recreativo era ocupado ainda pelos sócios masculinos para o jogo de cartas como conta Lycurgo Santos Filho, ao comentar sobre o advogado José Claudino de Oliveira Dias, que frequentava o Clube Recreativo nos domingos à tarde, quando então jogava um pôquer “de mano”, barato, com o autor, Lycurgo

Santos Filho (SANTOS FILHO, 1994, p.61). Este senhor residia em Assis desde 1919 e relacionava-se bem com os juízes da cidade, tanto que fora nomeado promotor público interino, quando vagava o cargo. Foi homenageado, por seus pares na inauguração do novo fórum da cidade, que levou o seu nome<sup>6</sup>.

Nas palavras dos entrevistados que participavam do Recreativo, numa cidade pequena e com poucas opções, as oportunidades oferecidas pelo Clube para a socialização, para o divertimento e para o flerte eram bem aproveitadas.

Entre os clubes existentes em Assis, o mais antigo e importante foi o Clube Recreativo. Criado em 1921, por iniciativa do juiz local, Vasco Joaquim Smith de Vasconcelos<sup>7</sup> e sua esposa, congregava somente a elite. É interessante notar que este senhor pertencia a uma família residente na capital, Rio de Janeiro, onde nasceu. Filho dos segundos barões de Vasconcelos, Rodolfo e Eugênia e neto paterno dos primeiros barões de Vasconcelos e materno dos condes de São Mamede, todos titulares do Reino de Portugal, mas residentes no Brasil. Era seu irmão o barão Smith de Vasconcelos, titular da Santa Sé (SANTOS FILHO, 1994). Estudou no Colégio Pedro II e formou-se bacharel pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. Exerceu o cargo de promotor público em Espírito Santo do Pinhal e a mandado do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, transferiu a sede da Comarca de Campos Novos do Paranapanema para Assis, onde foi o primeiro juiz, cargo que exerceu por dez anos.

Como ficou claro pela pequena biografia, o fundador do Clube Recreativo de Assis poderia muito bem fazer parte dos clubes de elite carioca descritos por J. Needell: um homem bem nascido, que recebeu educação esmerada no melhor colégio do Rio de Janeiro, formou-se em direito e depois prosseguiu sua carreira com sucesso.

Tais dados explicitam que Smith de Vasconcelos estava acostumado a uma vida social mais agitada e conhecia a necessidade de um lugar para reunir seus iguais, no qual pudessem conversar, trocar ideias, relacionar-se com outras pessoas e, assim, criar uma extensa rede de relações e influências. Sua iniciativa de criar um clube na pequena cidade pode estar ligada a um desejo de reprodução do que ele conheceu e frequentou anteriormente, e também de distinção e projeção social, juntamente com outros mais privilegiados da comunidade.

Desde que foi criado até hoje, o Clube Recreativo está no mesmo endereço, na atual rua Smith de Vasconcelos, nº 248<sup>8</sup>. Sabe-se, por meio de algumas atas que foram publicadas nos semanários locais, que o Recreativo sofreu várias reformas não só na sua estrutura física, como também nos seus estatutos. O material encontrado a respeito dessa agremiação demonstra claramente que, ao longo dos anos, ela teve períodos de grande prestígio e outros, de pouco sucesso, sendo comum na posse de uma nova diretoria, este procurar reorganizá-la a fim de oferecer o melhor para os sócios.

O Clube Recreativo representava um espaço de distinção, de pertencer à elite da sociedade. Entretanto, pessoas pertencentes a extratos sociais diferenciados fizeram parte desse clube, como o sr. Ulysses Benozati, assisense por nascimento, dentista, filho de um alfaiate e de uma cabeleireira, cujos pais também participaram do Recreativo. Ele explicou da seguinte forma a sua inserção no Clube: para ser sócio do Clube Recreativo não era importante ter o dinheiro, era importante que se tivesse uma profissão, uma qualificação, e fossem pessoas boas.<sup>9</sup>

Este sentido que o sr. Ulysses coloca ao recordar o Clube Recreativo é indicativo do seu lugar e de sua família na sociedade assisense. Os Benozati não possuíam riquezas, e tinham profissões comuns, conforme já foi dito, apesar do sr. Ulysses e seu irmão Edgard terem tido uma formação universitária e atuarem como profissionais liberais. Para conciliar tais diferenças, o depoente reviveu seu passado, enfatizando a importância da honestidade e de seus pais possuírem qualificações, assim como ele e seu irmão.

Se a família Benozatti não era rica, como podia participar do estrito círculo do Recreativo, inclusive da sua diretoria? Provavelmente, por meio da criação de uma rede de relações de amizade e de compromissos, estabelecida com a elite assisense, possibilitada pela profissão. Segundo Lycurgo Filho, Lino era estimado na cidade e presidiu o Club Recreativo, do qual também foi presidente seu filho Edgard (SANTOS FILHO, 1994,p.50).

Ainda que cada pessoa rememore de forma diferenciada uma mesma época ou episódios, as palavras do sr. Ulysses Benozati a respeito do Recreativo podem dar uma dimensão do significado e da importância deste espaço para os homens que o frequentavam. Segundo ele, “o Club era um complemento da vida da gente. Nós tínhamos a nossa casa e tínhamos o Club. Era uma espécie de apêndice, um complemento da nossa vida. Frequentávamos todas as noites o Recreativo. Aqui tinha o jogo de baralho, a gente vinha e batia um papo, comentava os episódios do dia”.<sup>10</sup>

É interessante salientar que o entrevistado ao dizer que o Clube era um complemento da vida dos moradores de Assis, a inclusão de mais pessoas, essa gente, nós, em sua fala, está se referindo a outros homens que, além dele, iam ao Recreativo diariamente. Atividade dificilmente estendida às mulheres, que frequentavam o Clube em datas e períodos específicos.

Frequentadora assídua do Clube Recreativo, dona Irene Salotti lembra dos bailes como reuniões de família, “como se diz, das pessoas mais cultas, mais tradicionais, mais ricas, mais de poder, os bailes eram muito importante e precisava que a gente se vestisse assim, bem adequada com a noite que ia ser a rigor”.<sup>11</sup>

É interessante perceber que as lembranças de dona Irene Salotti a respeito do Recreativo apontam outro sentido para tal espaço, diferente do colocado pelo sr. Ulysses. Para ela, o Clube representava um lugar no qual, somente pessoas ricas, cultas,



tradicionais, e que tinham poder frequentavam, como a sua família, cujo pai possuía grandes plantações de café e algodão, além de ter sido pecuarista e prefeito de Maracá. Ela sempre teve uma vida pública, como farmacêutica e como vereadora por duas vezes na cidade, a primeira como suplente em 1936 e a segunda em 1989 e, ainda, como integrante da comissão que fundou a Casa da Criança, em 1950. Nesse sentido, ao rememorar, ela criou representações do passado, que melhor se adequaram ao seu presente.

Por meio desses depoimentos, ficam claros os significados do Recreativo como espaço e como representação do poder e da riqueza de certas pessoas na cidade. Mais do que isso, o Clube funcionava como espaço propício para a sociabilidade, em que os padrões gestuais, de comportamento e de educação podiam ser observados, possibilitando fazer distinções entre os frequentadores, e a escolha dos melhores pretendentes, tanto para os moços quanto para as moças casadoiras, num claro intento de preservação de *status* e de consciência do lugar social ocupado na sociedade, conforme explicita dona Irene Salotti, ao comentar sobre o Clube e a figura de José Nogueira Marmontel:

[...] E a gente fazia aquelas festas maravilhosas. Esse José Nogueira Marmontel... foi prefeito em Assis... e ele gostava, era um homem bonito, forte, ele gostava de fazer bailes, essas coisas, decidido. Ele acha que da vida na sociedade é que nascem as boas famílias, né!... No clube é onde a gente vê, como é que se diz? Até aonde o rapaz ou a moça são distintos, são boas, são corretas<sup>12</sup>.

Portanto, o gestual, o comportamento e a roupa desvelam, nesta percepção o caráter das pessoas, assunto que foi tematizado por Jacques Revel, ao esclarecer que “[...] Os gestos são signos e podem organizar-se numa linguagem; expõem-se à interpretação e permitem um reconhecimento moral, psicológico e social das pessoas [...]” (REVEL, 1991, p.172).

Fica explícito, portanto, que uma maior sensibilidade, polidez e elegância tanto nas vestes quanto nos gestos e condutas eram observadas pelos integrantes dessa elite, no exercício da sociabilidade.

Nos bailes, regras e condutas específicas geriam o prazer da dança. As moças deviam permanecer sentadas, como numa vitrine para admiração dos rapazes, que após escolherem seu par, deveriam convidá-la para uma contra-dança.

[...] A gente sentava, os rapazes iam lá e tiravam a gente para dançar [...] parava a música eles iam levar a gente no lugar, sentava, depois eles saíam, ficavam para lá. Às vezes se gostava ia dançar novamente, mas não ficava assim, coisa não. Dançava, eu achava bonito porque ia de braço dado, ficava andando em volta do salão, e quando começava a tocar novamente a música, começava a dançar novamente [...] <sup>13</sup>.

Dançar, nesse contexto, criava condições para a manifestação de outras condutas além da dança em si. A volta pelo salão antes do início da música pode ser pensada como um desfile, a exibição do par, de *status* e de poder. O seu contrário, isto é, permanecer sentada, possivelmente, era o pior que poderia acontecer a uma senhorita num baile, denotando sua falta de beleza, sua pouca habilidade para a dança, ou escassez de prestígio e riqueza.

O Clube Recreativo, em Assis, desempenhava papel significativo, visto que os fundadores e os muitos frequentadores desse espaço eram pessoas que tiveram educação esmerada e conheciam as regras da boa conduta, do refinamento e do bem vestir, as quais eram reproduzidas nesse espaço ocupado pela elite local, e também se espraiavam para os outros segmentos sociais na cidade, servindo como referências de comportamento social adequadas para toda a sociedade. Então, estar no Clube Recreativo e participar de suas atividades adquiriam outros sentidos além dos aparentes, pois significava pertencer a uma elite, ter privilégios e poder exibi-los.

Nota-se que os depoentes que participaram do Clube Recreativo têm clara sua posição num segmento mais alto, mais privilegiado da sociedade local. E, inclusive, expressam com orgulho seu pertencimento a esse grupo que lhes emprestou, no decorrer de sua vida, uma identidade social.

Como se pôde notar, as elites sempre tiveram a preocupação de se reunirem em locais exclusivos para a demonstração de sua riqueza, de sua elegância e de seu *status* e estes funcionavam como lugares privilegiados para consolidação de relações sociais, econômicas e também políticas. Será que nos clubes de outros segmentos sociais, as funções eram a mesma dos clubes de elite? Qual a importância dos clubes recreativos para os trabalhadores urbanos e para grupos étnicos marginalizados na sociedade como os negros? Haverá diferenças significativas entre estes últimos?

Em artigo intitulado *Clubes Recreativos: organização para o lazer*, Uassyr de Siqueira (2009) analisa alguns clubes recreativos que funcionavam nos bairros paulistanos, onde a presença de trabalhadores era marcante, como o Brás, o Bom Retiro e o Bexiga. É interessante observar que o autor privilegia outros espaços ocupados pelos trabalhadores que não seja somente os sindicatos, lugar consagrado de luta desse segmento social, e reconheça os clubes recreativos como espaço de associação, união e de identidade dos trabalhadores urbanos paulistanos.

Entre os clubes recreativos que funcionavam nesses bairros, havia: o Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro, localizado no Bom Retiro e fundado em 13 de maio de 1900; a Sociedade Recreio Artístico, de 1901; o Clube Recreativo Flor do Brás, de 1908; o Éden Clube do Brás, de 1909; o Centro Recreativo da Liberdade, de abril de 1922 e o

Círculo Recreativo Vila Buarque, no bairro do Bexiga, nascido em 24 de setembro de 1905. Portanto, desde o início do século, os trabalhadores paulistanos também se reuniam para a diversão e ainda que esses dados sejam relativos aos lugares citados, é certo que em outros bairros havia, igualmente, associações desse tipo (SIQUEIRA, 2009).

Apesar de seu caráter recreativo, tais associações possuíam finalidades diversas, como se pode notar pelas diversas funções que exerciam junto aos associados e mesmo em relação à comunidade. Tais clubes eram promotores de espetáculos teatrais, de bailes, de jogos lícitos e festas comemorativas de datas especiais, além de funcionarem como escolas para os filhos dos trabalhadores. Também ofereciam cursos (quando havia dinheiro em caixa), mantinham banda de música e orquestra, além de conferências sobre artes e outros assuntos que pudessem contribuir para “o progresso moral e intelectual” dos associados. Constituíam-se ainda como lugar de informação e leitura a partir de sua biblioteca formada por livros, revistas e jornais.

É importante ressaltar que os clubes recreativos ligados aos trabalhadores possuíam a peculiaridade de conceder benefícios aos associados necessitados, exercendo, portanto, também as funções das associações mutualistas. Em relação a seu trabalho junto à comunidade mais ampla, Siqueira explicita que durante a gripe espanhola, em 1918, o G.D.M. Luso-Brasileiro, ofereceu sua sede à Cruz Vermelha, além do valor de \$100 mil réis por mês enquanto durasse a gripe (SIQUEIRA, 2009).

Portanto, ainda que o autor refira-se ao G. D. M. Luso-brasileiro, tais considerações podem ser estendidas aos outros clubes também: “[...] lazer, instrução e beneficência entrelaçavam-se entre as preocupações da[s] organização[ões] [...]” (SIQUEIRA, 2009, p.177).

Os clubes recreativos, para exercer suas funções, tinham que apresentar seu estatuto nas delegacias de polícia para que pudessem ter o registro oficial e atuar legalmente na sociedade. Dessa maneira, procuravam realizar somente atividades lícitas e assim diferenciarem-se de outros grupos ligados a práticas condenadas e perseguidas pela polícia como os jogos ilícitos, os bailes promovidos em botequins e cortiços da cidade (SIQUEIRA, 2009, p.177).

Outra questão que chama a atenção nos clubes recreativos é a forma de admissão dos associados, que oferece importantes indícios de formas de comportamentos dos trabalhadores fora das fábricas e sobre os tipos de controle social no interior do grupo.

Para ser admitido nos quadros sociais dos clubes, havia diversos critérios, porém segundo Siqueira, como princípio mais amplo, não havia distinção de nacionalidade. Entre outros requisitos, na G.D.M. Luso-brasileiro, os futuros sócios, para serem aceitos, precisavam ser apresentados por um sócio e o proponente teria que estar em dia com as mensalidades, sendo atribuição da diretoria a aceitação ou não do pedido. Já no Éden Club,

a admissão teria que vir acompanhada de nome, idade, naturalidade, profissão, estado civil e residência do candidato. Para o Recreio Artístico, os novos sócios só poderiam ser admitidos sob proposta dos sócios fundadores. Além de todos esses requisitos impostos pelos clubes, os pretendentes tinham, ainda, que passar por uma comissão de sindicância cujo papel era constatar a veracidade das informações, necessitando emitir parecer à diretoria (SIQUEIRA, 2009, p.177).

Além de todos esses entraves, havia, ainda os de valor moral, como explicita o trecho abaixo:

Assim, possuir “moralidade de costumes” e “boa conduta”, ou, ainda, ter “bom procedimento social e não estar envolvido em processo crime” eram requisitos para a admissão no G.D.M. Luso- Brasileiro, na sociedade Recreio Artístico e no Éden Clube do Brás. As sociedades exigiam ainda que os sócios tivessem “ocupação decente e honesta” [...]. Todos esses critérios que buscavam estabelecer o perfil dos associados – pautado pela honestidade e pela valorização do trabalho –, eram peculiares às agremiações dos trabalhadores [...] (SIQUEIRA, 2009, p.281).

Essas formas de controle dos associados estendiam-se, também, aos momentos de diversão no interior dos clubes, por meio dos fiscais de salão que observavam a conduta dos frequentadores.

Outro ponto importante – sobre o qual Uassyr de Siqueira chama a atenção – quanto aos critérios de admissão de sócios, era que tal item estava cercado por problemas étnicos e raciais, em especial nos bairros paulistanos de maioria italiana, como o Cambuci e o Bexiga, também caracterizado pela presença dos negros. No geral, os clubes recreativos da elite paulistana e dos imigrantes não aceitavam negros. Neste quadro, o Círculo Recreativo Vila Buarque, nos seus estatutos, especificava que pessoas de cor não poderiam se associar.

A marginalização e a discriminação a que os negros estavam sujeitos os levaram, também, a criarem suas próprias associações e, entre elas, as ligadas ao lazer.

Entre os clubes recreativos fundados pelos negros, em São Paulo, havia: o Grêmio Dramático e Recreativo Kósmos, inaugurado em 15 de novembro de 1908; o Clube 13 de Maio dos Homens Pretos, de 1902; a Federação dos Homens de Cor de São Paulo, criado em 1912; e o Grêmio Recreativo Ituano, de 1910. Uma das principais datas comemoradas nestes clubes é o 13 de maio de 1888, dia mais significativo para o grupo negro, considerado uma forma de afirmação da identidade negra nos clubes.

As finalidades dos clubes negros não se diferenciavam muito em relação às dos trabalhadores brancos, pois também se preocupavam em oferecer lazer, benefícios e instrução aos seus associados. Assim como para os trabalhadores brancos, a “intenção de

criar escolas e bibliotecas para seus membros fazia parte do esforço das associações negras de, diante da quase absoluta falta de acesso à educação para os afro-brasileiros, criar suas próprias instituições educacionais [...]” (SIQUEIRA, 2009, p.291). De acordo com Ana Beatriz Loner, essa mesma situação e providência ocorreram em Pelotas, nas primeiras décadas do século XX, nos clubes negros da cidade (LONER; GILL, v.35, n.1, p.145-162).

Entre as formas de admissão nos clubes negros, no geral, o que prevaleciam eram valores como boa conduta, ser maior de idade, ter boas condições físicas, ser apresentado por um sócio em gozo de seus direitos, com dados por escrito do nome, idade, residência, profissão e estado civil do proponente que seria verificado, posteriormente, pela comissão de sindicância. Também se preocupavam com a defesa de certos valores morais, com o intuito de diferenciarem-se do preto comum, daqueles indivíduos do seu grupo vistos como miseráveis, analfabetos e violentos.

É interessante observar que os clubes recreativos de trabalhadores, se por um lado (re)construíam ou reafirmavam as identidades do grupo enquanto classe, por outro lado, sofriam as críticas advindas dos sindicatos, explicitando as divergências e conflitos no interior desse segmento. Para os sindicatos, as associações de recreio desviavam os trabalhadores do seu verdadeiro interesse. Nesse sentido,

Os discursos contras as sociedades recreativas e suas práticas, como a dança e o futebol, eram feitos por anarquistas e também por adeptos do sindicalismo revolucionário. Os militantes ligados àquelas correntes políticas buscavam, dessa maneira, legitimar o sindicato como o autêntico espaço de organização dos trabalhadores, visto como um local genuíno da organização operária, “onde se conhecem bons camaradas”. Dessa maneira, faziam propaganda contra outras formas de associação. Entre os argumentos utilizados contra os círculos recreativos, constam a “imbecilização” da juventude e o estímulo à libidinagem, além do alto preço das mensalidades cobradas, se comparadas às cotizações exigidas pelas organizações sindicais (LONER; GILL, v.35, n.1, p.301).

Entretanto, engana-se quem pensa que as relações entre sindicatos e clubes sempre foram marcadas pelas divergências. Pelo contrário, houve momentos em que as sedes dos clubes serviram para reuniões dos sindicatos, de grevistas, etc., apontando relações estreitas entre as duas formas de associação.

Essa situação era semelhante também na cidade de Pelotas/RS, observada por Loner e Gill. Segundo as autoras:

Havia um bom intercâmbio entre o movimento sindical e os clubes, pois representantes do Depois da Chuva participaram de cerimônias no Sindicato dos Marítimos, e a Frente Sindicalista Pelotense realizava assembleias em sua sede, em 1934. Também o Chove algumas vezes

emprestou sua sede para reuniões dos sindicatos dos alfaiates e dos *chauffeurs* [...] (LONER; GILL, v.35, n.1, p.154).

Observa-se que as associações recreativas dos negros, em São Paulo, possuem semelhanças com suas congêneres em outras cidades como Pelotas, no Rio Grande do Sul. Beatriz Ana Loner, em suas pesquisas sobre os clubes carnavalescos negros em Pelotas (LONER, 2003), indica as especificidades desses clubes para a cidade e também oferece condições de se perceber várias semelhanças entre os clubes recreativos dos negros em ambas as cidades, indicando proximidades de objetivos e de valores sociais e morais.

Trazidos como escravos para a região de Pelotas, no século XVIII, por volta de 1920, os negros e seus descendentes compunham cerca de 15% da população da cidade. Desde o final do período imperial, os negros passaram a congregar-se em entidades mutualistas, profissionais ou étnicas, como formas de inclusão social e ajuda aos sócios necessitados. Segundo Loner, não havia ainda a preocupação em promover a identidade étnica. Entre essas associações que congregavam os negros em Pelotas, no final do século XIX, destacam-se: a Fraternidade Esperança, criada por volta de 1880, e que aceitava sócios negros; a Fraternidade Artística, também de 1880, composta por artesãos negros; a Irmandade da Santíssima Virgem do Rosário; a Harmonia dos Artistas; o Recreio dos Operários; o Grêmio Dramático, vinculado ao Recreio; e, como entidade carnavalesca, o Netos d’Africa (LONER; GILL, v.35, n.1).

Como formas de fortalecimento do grupo, de auxílio e de luta contra as discriminações e o racismo, os negros pelotenses organizaram-se sob diversos tipos de associações. Segundo Loner e Gill,

Como forma de reação, os negros pelotenses formaram uma completa rede associativa, que incluía clubes recreativos, teatrais, carnavalescos, futebolísticos (clubes e federação de futebol) entidades mutualistas, de assistência às crianças e de representação, as quais auxiliavam na integração de seus membros na sociedade, em termos de construção de relacionamentos, amizades, relações de compadrio e, obviamente, de oportunidades de emprego e casamento (LONER, GILL, v.35, nº1, p.147).

As autoras explicitam que, por volta de 1915-1920 e de forma mais acelerada nas duas décadas seguintes, tal diversidade de entidades foi se extinguindo, especialmente as de caráter mutualista e profissional, para ficarem circunscritas somente aos clubes recreativos e desportivos. Ainda que tais mudanças sejam interpretadas pelas autoras como uma *invólucção* nas formas de associação dos negros pelotenses, as mesmas, por outro lado, salientam, também, que os clubes recreativos cumpriam importantes funções na luta contra o racismo e a discriminação, além de terem propostas de inserção dos negros na sociedade local e de projeção social dos membros do grupo. “De fato, em 1927, eles

formaram as principais entidades que denunciaram a existência de racismo na cidade, aos que se somaram os esportivos. E, de 1933 a 1935, era também nestes clubes que se realizavam as sessões e conferências da Frente Negra Pelotense, embora alguns fossem mais receptivos às suas propostas do que outros [...]” (LONER, GILL, v.35, n.1, p.153-154).

Nesse sentido, caberia perguntar se não seria importante que os pesquisadores olhassem as associações recreativas desse grupo sob novas perspectivas, indo além do espaço de diversão e convívio social, mas também como lugares de (re)criação e mesmo de resignificação de identidades, de distinção social, como outras formas de resistência e inserção na sociedade mais ampla, ou de controle social e político de grupos marginalizados como os negros e brancos pobres, já que os clubes, para funcionarem legalmente, tinham que seguir inúmeras regras de controle ditadas pela ordem policial. Portanto, os estudos sobre as associações recreativas desses grupos esclarecem, sobremaneira, a respeito das práticas de seus integrantes, seus valores e costumes.

Se os negros, desde o período imperial, preocuparam-se em criar associações de auxílio mútuo, profissionais e irmandades, os ligados ao lazer também não foram esquecidos. Desde o final do século XIX e adentrando o XX, os negros reuniram-se em torno do Recreio dos Operários, cuja dissidência levou à fundação do S.B. Satélites do Progresso, em 1891. Um pouco mais tarde, em 1898, foi criado o clube carnavalesco Flores do Paraíso e já no início do século XX, a S.R. Quadro da Aliança, de 1902, e o Grêmio Recreativo, em 24 de junho (LONER, GILL, v.35, n.1).

De acordo com Loner e Gill, tais clubes, por volta dos meados de 1910, foram sendo fechados, mas outro foram surgindo, além de blocos e cordões carnavalescos, assim como os clubes de futebol.

Entre essas associações da nova geração, entre 1915-1940, encontram-se diversos clubes com nomes pitorescos como o Depois da Chuva (19/02/1916), o Chove Não Molha (26/02/1919), o Fica Ai Pra ir Dizendo (27/01/1921), o Quem Ri de Nós Têm Paixão (1921), o Está Tudo Certo (1931), o S. R. Democráticos (1934) e, finalmente, o Bloco Carnavalesco Futurista (1937). Além dessas, havia a Liga de Futebol Independente José do Patrocínio. Dessas organizações, apenas os clubes Fica Aí e Chove Não Molha mantêm-se em funcionamento atualmente (LONER, GILL, v.35, n.1).

Como é possível perceber, os negros da cidade de Pelotas tinham várias opções de clubes, cordões e blocos para se divertirem, não somente durante o carnaval, mas também ao longo do ano com os bailes, festas de datas comemorativas e outros eventos programados pela diretoria das entidades. É significativo observar, também, as diferenças internas do grupo, ao conhecer o nível social dos integrantes de cada clube e as expectativas e exigências dos clubes em relação aos seus associados.

Nesse sentido, alguns dados sobre esses clubes são esclarecedores. O Depois da Chuva, por exemplo, foi um dos primeiros dessa nova geração, criado em 1917, e que manteve-se aberto até meados de 1980. Loner (2003) não oferece maiores indícios da condição social desse clube, mas esclarece que era tratado pejorativamente por alguns entrevistados como o clube dos cisqueiros, o que significava pessoas de baixa condição, lixeiros.

Em 1921, nasceu o Quem Ri de Nós Tem Paixão, que sobreviveu até inícios de 1940. Ele parece muito vinculado ao G. R. 24 de Junho, em cuja sede fazia a maior parte de suas festas. Nesse clube, estariam os elementos mais pobres da etnia. Já o Chove Não Molha foi fundado no dia 26 de fevereiro de 1919 e ainda está em atividade, com sede própria. Os integrantes desse clube ocupavam uma posição um pouco acima, pois eram trabalhadores regulares, vinculados ao setor de serviços (como empregadas domésticas, cozinheiros, costureiras, etc.). Em 1931, surge o Está Tudo Certo, o principal clube de jovens negros da década de 1930. Provavelmente, seus integrantes faziam parte do setor letrado do grupo, visto que o clube estava ligado ao periódico *A Alvorada*, o jornal da imprensa negra em Pelotas (LONER, GILL, v.35, n.1).

O clube mais elitista do grupo era o Fica Aí para Ir Dizendo, fundado em 1921, como cordão carnavalesco e que funciona até hoje. Segundo Loner e Gill, entre as diversas histórias sobre sua fundação e seu nome, uma informa que “seria uma dissidência do Chove Não Molha, provocada por desentendimentos iniciados em jogo de futebol entre os clubes América e Juvenil, a qual evoluiu para separação de parte dos sócios, que foram fundar o Fica Aí e um deles permaneceu no local, para avisar aos demais” (LONER, GILL, v.35, n.1, p.153-154).

Seus sócios eram trabalhadores de ofícios como carpinteiros, marceneiros, eletricitas, funcionários públicos, civis e militares de baixo escalão, enfim, pessoas que tinham certo poder aquisitivo para participar das atividades promovidas pelo clube que exigia trajes caros e refinados, segundo os modelos da elite branca.

De acordo com Loner, o Fica Aí era um dos clubes menos preocupados com questões ligadas às lutas dos negros e afirmação de sua identidade. Seus integrantes desejavam a ascensão social, seguindo os padrões da elite branca. Nesse sentido, a autora relata que:

[...] nesse clube em particular, não há traços de qualquer identidade operária em nenhum momento de sua atuação, em suas representações internas ou externas. Seu comportamento, em bailes, e outras atividades, imitavam antes os grupos brancos de classe média ou da própria aristocracia decadente da cidade, do que os negros e operários que o constituíam. (LONER, 2003, p.6 ).



O Fica Aí era o clube negro que possuía as normas mais rígidas para os sócios, como a fidelidade ao clube, não podendo, especialmente, as sócias, frequentarem outros clubes da mesma etnia, as vestimentas deviam seguir os padrões impostos pelo clube, além disso, a participação nos seus bailes e em outros eventos era restrita aos sócios.

Além desses, os negros pelotenses ainda poderiam optar por aderir ao S.R. Democráticos, nascido em 1934, cujos integrantes seriam mulatos e que discriminariam pessoas de cor mais escura. Em 1937, surgiu também o bloco carnavalesco Futurista, cujas atividades restringiam-se ao carnaval de salão, com muito luxo em suas vestimentas, e somente existiu ligado ao clube do Chove Não Molha. Todos poderiam participar de seus bailes, mediante pagamento de entrada.

Como foi possível perceber, os negros pelotenses possuíam diversas opções para a diversão e associação, de acordo com seu poder aquisitivo e seus interesses. Dessa forma, tais clubes aglutinavam setores diferenciados da mesma etnia. Nesse sentido, é interessante observar que não havia homogeneidade de interesses e expectativas no interior do grupo negro pelotense.

Assim como nos clubes dos trabalhadores de São Paulo, observados por Uassyr de Siqueira, os clubes negros pelotenses também procuravam definir padrões de comportamento para seus associados tanto dentro quanto fora dos recintos dos clubes, especialmente em relação às mulheres, que deveriam seguir rígidos padrões morais. O Fica Aí, por exemplo, não aceitava uniões consensuais e proibia mulheres desquitadas e suas filhas de se associarem. Além disso, havia vigilância do comportamento feminino nos bailes, inclusive nos banheiros. Portanto, ainda que sofressem discriminações de várias ordens, os negros também se discriminavam entre si, como comenta Loner,

[...] o que se observa é o despontar de alguns tipos de comportamento essencialmente discriminatórios entre os próprios clubes, dos quais o Fica Aí é o exemplo máximo para Pelotas [...]. Isso porque ele é o clube negro mais exigente em seu estatuto e que conta com uma estrita vigilância por parte da diretoria sobre a moral e o comportamento de seus membros, [...] sua influência ia muito além do estrito espaço de sua sede, imiscuindo-se na vida privada de seus sócios, ditando regras e comportamentos serem seguidos em todas as circunstâncias da vida, inclusive em termos de amizades e companhias a serem evitadas [...]. (LONER, 2003, p.4).

As atividades promovidas pelos clubes negros de Pelotas eram semelhantes aos demais clubes de trabalhadores. Sua preocupação maior era em relação à promoção de bailes, festas nas datas comemorativas, quermesses, chás dançantes, além do carnaval. Segundo Loner e Gill, entre 1930 e 1940, participaram de “muitos festivais que combinavam

manifestações artísticas com cerimônias, como a coroação da rainha” (LONER; GILL, v.35, n.1).

Os associados dos clubes, além da diversão, participavam desses espaços com outras intenções, como observar moços e moças que poderiam tornar-se futuros pretendentes ao matrimônio. Nessa perspectiva, os clubes também funcionavam como locais de criação de redes de sociabilidade que poderiam contribuir com interesses futuros, e ainda preocupavam-se com a inserção dos sócios no mercado de trabalho ao criarem cursos profissionalizantes e mesmo de instrução formal, como ocorreu com o Fica Aí, que abrigou a Escola Primária Francisco Simões por algum tempo, em convênio com o governo do Estado. Segundo Loner, os clubes negros foram ainda importantes para a afirmação da identidade negra, ao criarem o concurso “a mais bela negra”, na qual os padrões de beleza valorizados eram o da etnia, aumentando assim a autoestima do grupo.

A participação dos clubes, blocos e cordões no carnaval de rua da cidade fazia a alegria dos pelotenses nos dias de folia. E ainda que pudessem desfilarem nos mesmos espaços que os clubes de elite ou classe média, as diferenciações sociais estavam presentes, conforme salientam as autoras,

[...] [Em] Pelotas, todos os clubes se apresentavam nos mesmos locais, em algumas ruas centrais e no entorno da atual praça Cel. Pedro Osório, bem no centro da cidade. Contudo, os dias eram separados, pois os clubes de classe média e alta, como o Diamantinos e o Brilhante, se apresentavam em um dia e os cordões em outro. Havia mais, pois as classes/grupos da população costumavam ocupar locais diferentes nos lados da praça. Dona Sirlei revela que a concentração de jovens na Praça Coronel Pedro Osório era muito grande. “Do [clube] Caixeral até a esquina do [banco] Itaú parava a classe rica branca [...] e a classe mais pobre negra ficava da esquina do Itaú até a Prefeitura” (LONNER; GILL, v.35, nº1, p.151).

Se em São Paulo e Rio de Janeiro (QUEIROZ; SILVA, 2008) os desfiles dos segmentos mais pobres eram nos bairros, ficando o centro das cidades reservado aos préstitos das elites, em Pelotas, como foi visto, todos podiam desfilarem nos mesmos lugares, porém em dias separados. Mais do que isso, a discriminação era visível ainda nos lugares ocupados pelo público assistente. De um lado, os pobres, de outro, os mais favorecidos economicamente.

Observou-se, ao longo deste texto, as funções e significados dos clubes para diversos segmentos da sociedade brasileira. Entre as elites de diferentes cidades, participar dos clubes destinados a eles, era uma forma de reforçar seu *status*, exibir sua fortuna, sua elegância e sua educação moldada a partir do parâmetro europeu, ou da capital, Rio de Janeiro. Por outro lado, os clubes dos trabalhadores e negros exerciam outros papéis sociais, como a conjugação de lazer, auxílio e instrução, além de formas de inserção na

sociedade e de lutas contra o racismo e a discriminação social, especialmente, dos grupos negros. Em comum, os frequentadores desses espaços informais criavam uma rede de sociabilidade abrangente que poderia gerar dividendos de várias ordens como relações de amizade, matrimoniais, políticas e econômicas para a conservação do *status quo* ou para a inserção e ascensão social dos grupos marginalizados.

Recebido em 25/1/2011

Aprovado em 25/2/2011

## NOTAS

1 As balizas cronológicas foram estabelecidas a partir dos estudos de Needle sobre os clubes cariocas entre 1889-1914 e as pesquisas de Beatriz Ana Loner sobre os clubes negros na cidade de Pelotas, entre os finais do século XIX até meados do século XX.

2 A discussão sobre o Clube Recreativo da cidade de Assis/SP faz parte do terceiro capítulo de minha tese de doutorado intitulada *Dimensões da sociabilidade e da cultura: espaços urbanos, formas de convívio e lazer na cidade de Assis. 1920-1945*. 2003. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Assis, 2003.

3 *Jornal A Notícia; Jornal de Assis*.

4 *Jornal de Assis*. 21/01/1939.

5 *Idem*. 24/04/1937.

6 José Claudino de Oliveira Dias, nasceu na Bahia, em 1884, e exercia a profissão de advogado em Campos Novos do Paranapanema. Depois da sede da Comarca ter sido transferida para Assis, em 1918, mudou-se também para esta cidade, onde morreu em 11/11/1958. Baixo, de pele morena, cabelo liso, barba feita, sempre elegantemente trajado, procurava, nos silêncios e nas poucas palavras, até na sisudez, esconder ou disfarçar uma grande timidez... Era um bom homem, que nos últimos anos de vida gozava de especial consideração como decano dos advogados de Assis. Em 14/05/1960, inaugurou-se o “Fórum Dr. José Claudino de Oliveira Dias”. Cf. SANTOS FILHO, Lycurgo de C. Op. cit. p. 60-61.

Em suas lembranças sobre o Recreativo, Dona Leonor Nóbile também se lembrou de ter visto homens em uma sala, nos fundos do Clube, jogando cartas.

7 Vasco Joaquim Smith de Vasconcelos, nasceu em 15 de junho de 1886 e faleceu em 09 de dezembro de 1967, no Rio de Janeiro, sua cidade de origem. Foi o principal fundador da Santa Casa de Misericórdia e seu primeiro Provedor. Organizador e presidente da Comissão de Criação do Bispado de Assis promoveu a construção do Palácio que ele denominou de “Santa Terezinha”, a santa de sua devoção. Promovido em finais de 1928 para a cidade de Campinas, foi juiz da segunda Vara e de Menores. Criou e dirigiu o Abrigo de Menores de Campinas. Instalou e presidiu o clube dos Advogados desta cidade. Em 1938, foi promovido para uma vara criminal em São Paulo e depois foi nomeado desembargador do Tribunal de Justiça do Estado. Publicou livros de direito, de história e biografias. Cf. SANTOS FILHO, Lycurgo de. Op. cit. p. 123 a 125.

8 Entretanto, nos períodos em que esteve em reformas, suas atividades foram transferidas para outros locais.

9 Entrevista com o sr. Ulysses Benozatti. 07/05/1999. Nasceu em Assis, em 25 de novembro de 1925, estudou em São Paulo e formou-se dentista. Seu pai, Pascoal Lino Benozatti possuía uma alfaiataria situada na Avenida Rui Barbosa, sua mãe, Isabel Hidalgo, era cabeleireira. Um dos irmãos do sr. Ulysses, Edgard, era advogado e presidiu o Clube Recreativo, assim como seu pai. Atualmente, o sr. Ulysses gerencia o Clube, onde concedeu a entrevista.

10 Entrevista com sr. Ulysses Benozati, em 07/05/1999.

11 Entrevista com Irene Ribeiro Salotti, em 04/06/1999.

12 *Idem*.

13 Entrevista com dona Irene Ribeiro Saloti, em 04/06/1999.

## REFERÊNCIAS

LONER, Beatriz, Ana; GILL, Lorena Almeida. Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 35, n.1.

\_\_\_\_\_. *Classe, etnia e moralidade: estudo de clubes negros*. 2003. <http://www.ifch.unicamp.br/mundosdotrabalho/text/beatrizloner.pdf>.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

QUEIROZ, Maria Isaura. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: ARIÈS, P & DUBY, G. *História da Vida Privada*. n. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

RUIZ, José Mario Martinez. *Etiqueta: sociabilidade e moda. A identidade da elite paulistana (1895-1930)*. 1999. Assis. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Ciências e Letras/ Unesp.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *Assis na Alta Sorocabana: um instantâneo de seus pioneiros*. Campinas, 1994.

SILVA, Zélia Lopes da. *Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938)*. São Paulo: Editora Unesp; Londrina: Eduel, 2008.

SIQUEIRA, Uassy. Clubes recreativos: organização para o lazer. In: AZEVEDO, Elciene et al. *Trabalhadores na cidade*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009.